

O gabinete de estudo pensado e construído por Daniel Moreira assume, numa perspetiva reatualizada esta ideia de *Studiolo*, quer no que retém de seu escopo inicial, quer também, numa analogia à conceção de Avigador Arikha. Na presente situação, as obras apresentadas, além dos desenhos e pequenas pinturas, mostram-se também porções de objetos emblemáticos, cuja validação foi outorgada pelo artista português, pois os escolheu, deles se apossou – em termos artísticos e estéticos. E tudo isto renasce em uma paisagem exterior que deixa transparecer a interioridade suscetível de ser plasmada em visível

O olhar reside na paisagem, dentro e fora do eu. Eu habito num território, habito territórios num processo em que me desloco ou permaneço. Os nomes dos lugares, dos locais transportam-nos para destinos insondáveis, reinos polissémicos em estado de utopia partilhada.

Javier Maderuelo relembra que a paisagem é "... a interpretação do que se vê no país (território) quando este se contempla com olhar estético." Extrapolando a ideia certa, diga-se que a interpretação tem sonoridades inaudíveis e estoicas. No caso do(s) gabinete(s) de [estudo de] desenho de Daniel Moreira, tudo se processa num modelo de ações somadas entre si, cruzando silêncios e linhas com fragmentos de teor arqueológico.*

Em julho e agosto deste ano, Daniel Moreira visitou o Museu Nacional Soares dos Reis, tendo acedido à vasta área exterior, habitualmente conhecida como "Jardim da Cerca". Aí, numa verdadeira situação de descoberta, o artista confrontou-se a um cenário quase inaudito: entre a memorialidade do pórtico transladado, as peças dispersas da Coleção de Lapidária, as pedras desmembradas, ao fontanário, tudo vestígios de tempos sobrepostos e inominados, acrescidos pela vegetação diversificada. Neste panorama rico, torna-se assertiva a pertença à cidade, quando e onde o visitante se situa numa cota elevada, relativamente à rua adjacente, e encarando o próprio edifício do Museu numa perspetiva inesperada. Aí, passeando pelo Jardim da Cerca, Daniel Moreira foi recolhendo pequenos elementos. Preservou-os, atribuindo-lhes uma notoriedade diferente que cabe em dois mobiliários expositivos situados, respetivamente na Sala de pintura de Henrique Pousão e, na ala simétrica, na Sala onde dominam as pinturas de Marques de Oliveira. Em ambas as vitrinas se vêem, quer esses elementos que do exterior foram trazidos adentro do Museu - e resguardados, assim como os 10 desenhos produzidos, que não sendo uma réplica de imagens cativadas, demonstram a capacidade de observação virtuosa exercida por Daniel Moreira. Deste modo se cumpre um desígnio de respirar o que habitualmente passa despercebido, de tão ínfimo seja, numa pressa que a maioria de nós se impõe. Perante as obras deste artista, o tempo demora o que efetivamente merece durar.

Maria de Fátima Lambert
Alentejo/Porto – setembro 2016

*Excertos do texto in *da arqueologia e dos lugares*, Quase Galeria/Espaço T, Porto, 2016